

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.05.00.00-2 – HISTÓRIA

## ESTUDO ICONOGRÁFICO DO PAINEL DO TEMPLO DA CRUZ DE PALENQUE NO MÉXICO

DANIEL GRECCO PACHECO – Curso de História – Faculdade de Ciências Sociais

FERNANDO TORRES LONDOÑO – Departamento de História – Faculdade de Ciências Sociais

RESUMO: O ARTIGO SE PROPÕS ANALISAR O PAINEL DO TEMPLO DA CRUZ DE PALENQUE NO MÉXICO ATRAVÉS DA COMPREENSÃO DE SUA DINÂMICA ICONOGRÁFICA E APONTAR A RELAÇÃO QUE EXISTIA ENTRE A RELIGIÃO, ARTE E ESTADO NA SOCIEDADE MAIA DO PERÍODO CLÁSSICO. AO DESCONSTRUIR O PAINEL E ESTUDAR ALGUNS DE SEUS ELEMENTOS, FOI POSSÍVEL COMPREENDER A RELAÇÃO ESTABELECIDADA PELO REI CHAN BAH LUM COM UM PASSADO MITOLÓGICO DA HISTÓRIA MAIA E COMO ESSA RELAÇÃO COM OS ANTEPASSADOS OCORRIA PARA DAR SENTIDO ÀS SUAS PRÓPRIAS AÇÕES A FIM DE ESTABELECEER UMA ORDEM SOCIAL DENTRO DA SOCIEDADE MAIA DO PERÍODO CLÁSSICO.

PALAVRAS-CHAVE: Maias, Iconografia, Templo da Cruz

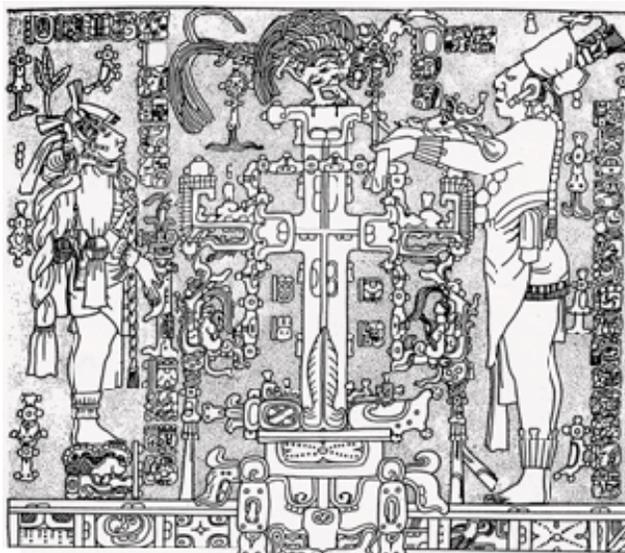
### Introdução

O Templo da Cruz de Palenque teve um papel fundamental na legitimação dinástica e na relação e representação cósmica e mitológica da atuação do rei Chan Bahlum ao fazer uma ligação entre seus poderes sobrenaturais e terrenos. Os elementos analisados como a *Arvore Cósmica*, o *Monstro Quatripartite*, a *Serpente de Duas Cabeças* e a *Ave Celestial* remetem à essa conexão e comunicação entre o mundo concreto e o mundo mitológico formando parte de um repertório simbólico presente em outras cidades maias e no texto do *Popol Vuh*.

A pesquisa mostrou a importância que esses elementos tinham no estabelecimento de uma ordem social dentro da sociedade maia do período Clássico com destaque para a figura do rei e suas construções ideológicas como uma forma de legitimar o seu poder estatal.

## 1. Desenvolvimento

Construído por volta do ano de 692 d.C. pelo rei Chan Bahlum, o painel do Templo da Cruz em Palenque (ver figura 1) representa uma aproximação entre elementos políticos e religiosos existentes na cultura maia ao representar a ascensão do rei ao trono da cidade. Ao assumir o trono herdado pelo pai Pacal, Chan Bahlum se viu na necessidade de criar elementos de legitimação para se representar perante a população de Palenque. Em essência a justificativa de seu reinado se fundamentava em dois precedentes que derivavam do fato de que já tinham tido antes uma sucessão pela linhagem feminina. O primeiro precedente foi histórico, e o segundo foi sobrenatural. Pacal e seus herdeiros como Chan Bahlum, afirmavam ser a réplica viva dos feitos mitológicos que deram origem à criação do mundo atual, segundo a cosmologia dos maias. <sup>1</sup> Numa interpretação de Linda Schele, o painel do Templo da Cruz representa o momento da coroação de Chan Bahlum recebendo o trono de seu pai Pacal, que já está morto. (figura 1)

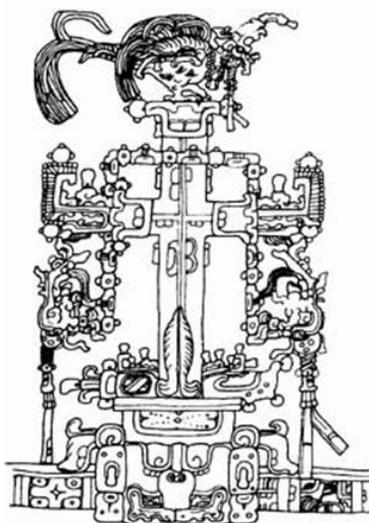


Carving by Linda Schele, courtesy of FAMSI

**Figura 1** (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 15 ago. 2010.)

Eles estão representados ao lado da Árvore do Mundo que ocupa a posição central do painel. (figura 2) Conhecida como *Wacah Chan* e, inspirada na Ceiba,

muito comum nas florestas tropicais das terras baixas do México e Guatemala, essa árvore representa o eixo central do mundo, como um objeto sagrado na crença dos antigos maias. Ela aparece na crença da quarta criação maia, narrada pelo *Popol Vuh*, como sendo o centro dos quatro lados do cosmos maia, e o seu nascimento seria vinculado à criação de toda a vida no mundo a partir da quarta criação. Segundo a análise de Linda Schele, *Wacah Chan* seria também uma representação da Via Láctea. Seu tronco atravessava lado a lado o mundo intermediário, as raízes se fundiam na região inferior do outro mundo, enquanto seus ramos se remontavam até o zenit na parte superior da região celeste.<sup>2</sup>



**Figura 2** (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 15 ago. 2010.)

Dessa forma a Arvore do Mundo tinha uma importância central na cultura maia, se comunicava e se colocava entre os três mundos diferentes, o céu, a terra e o Inframundo realizando uma passagem a esses diferentes locais. Além disso, ela também recobria grande importância nas representações monárquicas do Período Clássico maia podendo ser encontrada nos painéis dos Templos da Cruz, da Cruz Folhada e no sarcófago do rei Pacal em Palenque (figuras 3 e 4).

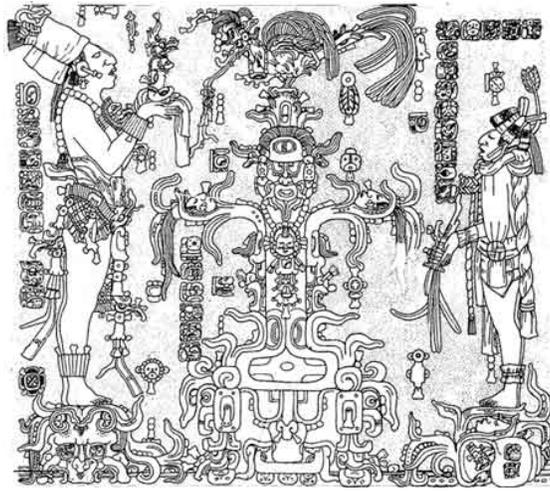
A Árvore do Mundo era representada em vestimentas de reis de outras cidades maias do período, como uma forma de mostrar e ressaltar a figura do

---

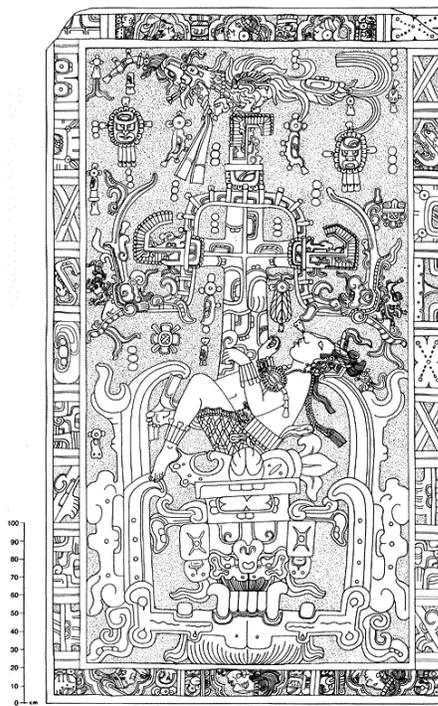
<sup>1</sup> SHARER, Robert J.. *La Civilización Maya*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998, p. 286.

<sup>2</sup> SCHELE, Linda; FREIDEL David. *Una Selva de Reyes. La Asombrosa Historia de los Antiguos Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

monarca como um ente que se comunicava com o mundo sobrenatural através do mundo terreno.



**Figura 3** (<<http://www.famsi.org/>>. Acesso em 02 mar. 2011.) (Painel do templo da Cruz Folhada, Palenque)



**Figura 4** (<<http://www.famsi.org/>>. Acesso em 02 mar. 2011.) (Painel do Sarcófago do Rei Pacal, Palenque)

Essas representações mostram de que forma o rei se utilizava de elementos religiosos, e metáforas na afirmação cósmica de suas ações para a manutenção da ordem social da civilização maia, além de definir a importância monárquica na sociedade. O rei se colocava como uma representação terrestre da

figura dos gêmeos do *Popol Vuh* e reafirmava o seu triunfo sobre a morte por meio de ritos. Eram representados como manipuladores do sobrenatural, bem demarcados por representações artísticas nas cidades maias principalmente no Período Clássico. Para Linda Schele,<sup>3</sup> o rei era tido como um xamã divino do Estado maia, que enriquecia a vida da população em seus aspectos espirituais e cerimoniais, e ao mesmo tempo legitimava o seu poder e regia a sociedade por meio de aproximações com o sobrenatural e os antepassados.

Eles operavam em ambas as dimensões e assim mantinham um equilíbrio pelo poder de seus atos rituais e levavam prosperidade aos seus domínios. A árvore era considerada o caminho de comunicação entre o mundo natural e o sobrenatural, segundo está definido no centro do cosmos maia. No topo da árvore se encontra um pássaro gigante que representa um antigo elemento da cosmogonia maia localizado no Período Pré-Clássico Tardio. Conhecida como a Ave Celestial, ou *Itzam-Ye* (figura 5) ela seria o pássaro do centro no modelo direcional do mundo. A princípio, ela significaria a natureza rebelde e indomada, mas que depois teria sido controlada pelos heróis gêmeos do *Popol Vuh*, representados na Terra pela figura do rei, passando a representar a ordem. Assim como o rei é tido também como o organizador da natureza.<sup>4</sup> Esse conceito do rei como guardião da ordem da natureza aparece pela primeira vez na iconografia dos maias das terras baixas com a imagem dessa ave, no contexto da Árvore do Mundo. A Ave Celestial é a representação da Serpente Pássaro, com uma longa cauda, plumas e a cabeça de um monstro zoomórfico,<sup>5</sup> com uma importante participação na Criação maia, tendo o papel de um feiticeiro. Em uma passagem do *Popol Vuh*, *Itzam-Ye* é derrubada de uma árvore e derrotada pelos gêmeos, (figura 6) por estar causando estragos e o caos ao mundo material.

---

<sup>3</sup> SCHELE, Linda; FREIDEL David. *Una Selva de Reyes. La Asombrosa Historia de los Antiguos Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999, pg. 103.

<sup>4</sup> Idem, p. 531.

<sup>5</sup> SCHELE, Linda; MATHEWS, Peter. *The Code of Kings. The language of seven sacred Maya temples and Tombs*. Nova Iorque, Touchstone, 1999, p. 412.



Figura 5 (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 15 ago. 2010.)

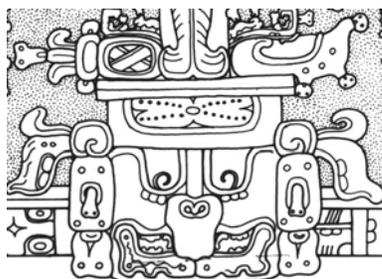
A Ave aparece freqüentemente também em outros locais, templos destinados a rituais xamânicos e de contatos com os antepassados e os “outros mundos” maias. Essa sua função é recuperada da historia da criação maia, que mostra *Itzam-Ye* como um *nawal* (espírito animal companheiro) do deus Itzamna, primeiro xamã da criação e introdutor da energia sagrada no mundo, muitas vezes também representado como o patrono dos escribas. A presença do pássaro mostra a capacidade de fazer magia em comunicação com a jornada xamânica até o transe.



Figura 6 (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 02 mar. 2011.) (Vaso K1226 do Período Clássico Tardio)

Na parte da frente da Árvore da Vida está representada a cabeça do Monstro Cósmico que é identificado na parte de baixo do desenho. (figura 7) Representado como um Monstro Quadripartite, ele simboliza uma tigela de sacrifício desenhada na sua parte de baixo. Sendo assim, um objeto de conexão para a Serpente de Duas Cabeças e a Árvore do Mundo que é associado a ultima criação da cosmogonia maia, que conseqüentemente possibilitou a criação dos últimos homens.

**Figura 7** (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 15 ago. 2011.)



Os elementos que representam o ritual de sacrifício presentes no vaso sacrificial da figura do Monstro Quadripartite como o ferrão de arraia, a concha e a barra cruzada, também se fazem presentes no adereço de cabeça do rei Waxaklahun-Ubah-K'awil esculpido na Estela I de Copan, sitio localizado em Honduras. Essa associação é uma clara demonstração da importância e necessidade da prática do auto-sacrifício para o rei manter a ordem cósmica segundo a mitologia maia. (ver figura abaixo)



h. Flanged headdress from Copan Stela I.

**Figura 8** (SCHELE, Linda; MILLER, Mary Ellen. *The Blood of Kings. Dynasty and Ritual in Maya Art*. Fort Worth: Kimbell Art Museum, 1986. Pg. 67) (Detalhe da Estela I de Copan, Honduras)

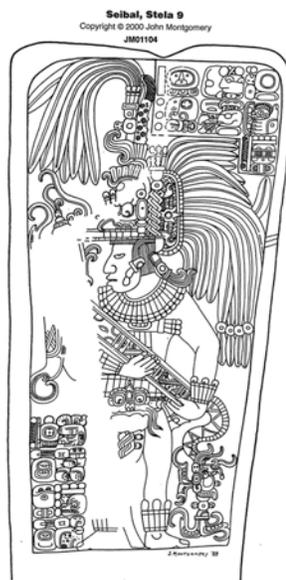
Outro elemento presente no painel do Templo da Cruz e que simbolizava essa conexão entre o mundo terrestre e o mundo divino é um dos símbolos mais profundos da simbologia maia, a Serpente de Duas Cabeças. As serpentes aparecem no final dos ramos da Árvore do Mundo e representam fluídos de oferendas como sangue humano, e outros líquidos, e também a comunicação e um “cordão” de ligação entre os poderes sobrenaturais e os poderes terrenos do rei. Este elemento era também usado de cetro para os reis maias, que assim simbolizavam a sua capacidade de se locomover entre os dois mundos (figura 9) se fazendo presente em Palenque no sarcófago do rei Pacal, no painel do Templo

da Cruz Foliada e no painel do Templo do Sol. A Serpente é uma representação fundamental na mitologia maia, e aparece em diversas construções como templos e estelas. No sítio de Seibal na Guatemala ela aparece na Estela 9, onde o monarca Ah-Bolon-Abta Wat'ul-Chatel segura uma barra com a Serpente de Duas Cabeças para ilustrar e confirmar o seu poder de se locomover entre o mundo sobrenatural e o mundo real. (figura 10)

A Serpente de Duas Cabeças também é encontrada em esculturas na cidade de Copan, como na Estela D que mostra o rei Waxaklahun-Ubah-K'awil com uma serpente de duas cabeças emergindo dos dois lados do seu corpo representando um estado de transe e de comunicação entre os dois mundos num ritual sagrado evocando locais associados ao início da dinastia desse monarca em Copan. (figura 11)

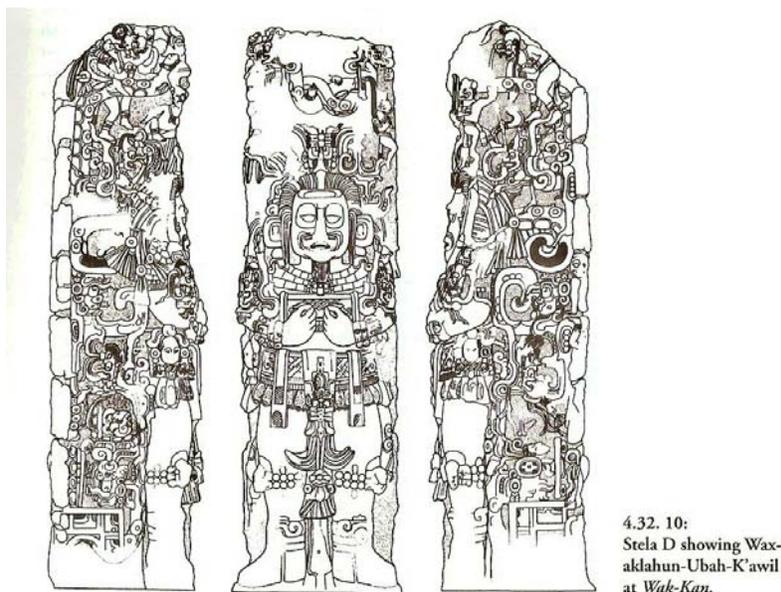


**Figura 9** (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 08 mar. 2012.) (Serpentes de duas cabeças)



**Figura 10** (<<http://www.famsi.org>>. Acesso em 18 mar. 2012.) (Estela 9 de Seibal, Guatemala)

Nos rituais de coroação, como o ilustrado pelo painel do Templo da Cruz, ou por oferendas de sangue, eram onde o monarca entrava em contato e fazia a comunicação do mundo terrestre com o mundo sobrenatural. Nesses rituais públicos ou privados de oferendas de sangue real realizados sobre as pirâmides e nas praças das cidades maias, o rei representava a Arvore do Mundo e abria a entrada ao outro mundo, e eram pelas Serpentes de Visão, ou a barra de serpentes de duas cabeças, que se davam essa comunicação entre o mundo humano e o fantástico. Segundo a crença maia, nesse momento do ritual, eram abertos portais de comunicação entre esses mundos. As faces das serpentes de visão são o trajeto percorrido pelos mortos e os deuses do outro mundo, quando se comunicam com o rei como sendo forças da natureza e do destino.



**Figura 11** (SCHELE, Linda; MATHEWS, Peter. *The Code of Kings. The language of seven sacred Maya temples and Tombs*. Nova Iorque, Touchstone, 1999, p. 165.) (Estela D de Copan, Honduras)

O sangue era o elemento da materialização dessa comunicação. Os ritos representavam de forma simbólica a paisagem e o contexto sagrado gerado pelos deuses no momento da criação do homem maia. As pirâmides eram as representações de montanhas sagradas e o interior eram as cavernas onde se localizavam os portais de comunicação com o outro mundo.

A idéia da criação dos homens para os maias vem associada a esse ritual. Segundo as histórias da origem dos homens para os maias relatadas no *Popol*

*Vuh* e base de sua cultura, os primeiros homens, os Gêmeos primeiros, pai e tio dos Gêmeos heróis, *Hum Ah Pu* – caçador e *X Balam Ke* – Jaguar Veado teriam se sacrificado para dar início ao renascimento dos homens. Outras crenças mostram também deuses que teriam oferecido sangue do pênis que junto com a massa do milho teria resultado na criação da raça humana. A idéia do auto-sacrifício e a importância do sangue se relacionam com o dever dos homens de alimentar e manter sua relação com os deuses dando a eles o que tem de mais sagrado: o sangue. Pois, assim como os deuses teriam se sacrificado para estabelecer a raça humana, os homens deveriam se sacrificar pra reverenciá-los e estabelecer um renascimento das diferentes eras presentes na história maia.

Essa idéia de renascimento e ressurreição está intimamente ligada na construção do painel do Templo da Cruz, pois Chan Bahlum deveria aplicar esse renascimento após a morte de seu pai, o rei Pacal, que deveria se encaminhar para o Inframundo e assim Chan Bahlum seria a encarnação do renascimento e do ressurgimento, de uma continuação da dinastia de seu pai. A representação da coroação de Chan Bahlum, a figura do Monstro Cósmico, a Árvore da Vida, e a Ave Celestial invocam uma aproximação das narrativas de criação do mundo maia e elementos presentes no livro *Popol Vuh*.

Ao se apoiar nas crenças religiosas dos sacrifícios dos deuses criadores Chan Bahlum pretendia dar um caráter divino e uma legitimação política do seu reinado em prosseguimento do reinado de Pacal.

## 1.1 Metodologia

Dialogando com alguns autores recentes sobre o tema, o artigo adotou a postura de que as manifestações artísticas e arquitetônicas da civilização maia não podem ser lidas isoladamente, mas de forma relacionada. Procurei analisar o sentido que elas adquiriam entre a civilização maia e o que representavam. O painel localizado no interior do Templo da Cruz em Palenque foi analisado através de fotos, desenhos, e descrições para perceber como foi construído e qual o seu significado enfocando elementos específicos presentes em sua representação. O

desenvolvimento foi realizado com uma análise e comparação para recuperar o uso dos elementos presentes no painel do Templo da Cruz em outras cidades maias e com o *Popol Vuh*.

## 1.2 Resultados

Em Palenque, os reis Pacal e seu filho e sucessor, Chan Bahlum, elevaram a relação entre Estado, religião e arte ao grau máximo de complexidade durante o Período Clássico maia. Ao elaborarem o Templo das Inscrições, o Complexo da Cruz, onde está localizado o Templo da Cruz e a renovação arquitetônica da cidade, eles se utilizaram de elementos metafóricos de grande importância para a afirmação cósmica de suas ações e legitimação dinástica. Essa atuação implicou num estado de detalhamento e complexidade artística jamais vista até então na civilização maia. Esses reis se utilizaram dos feitos dos antepassados para dar sentido às suas próprias ações e assim criar ligações entre eles e uma força sobrenatural de um passado remoto. Palenque simboliza a importância da escrita para os maias, que ia além da simples convenção para a apresentação de textos, mas era, sobretudo, uma forma de proposição sagrada com a capacidade de capturar a ordem do cosmos, de informar sobre a história, dar forma aos rituais e transformar o material profano da vida cotidiana em algo sobrenatural e divino.<sup>6</sup> Ao registrar as façanhas de reis e nobres maias, esses textos contidos nos monumentos dão fala a esses personagens esquecidos pela história.

## 2. Considerações Finais

Nos atuais territórios onde vivem os herdeiros da civilização maia clássica, como na moderna cidade de Palenque e em outros locais nos modernos estados do México e Guatemala, experiências, histórias e crenças da antiguidade são constantemente recuperadas. A permanência de elementos centrais da cultura maia antiga é um fator determinante na constituição das atuais culturas maias,

com legados e oralidades passadas ao longo de gerações até atingir os atuais herdeiros dos maias clássicos. Atualmente se vê o início de um reconhecimento da importância de uma cultura que parece que aos poucos vai superando o sofrimento e trauma dos séculos que se seguiram após a invasão e conquista espanhola.

A valorização da cultura original do continente americano é uma ferramenta importante e fundamental na valorização da busca por uma melhor condição de vida dos descendentes maias e de outras etnias. A partir dessa perspectiva, fica a esperança de que num futuro próximo os povos dos antigos territórios das civilizações mesoamericanas possam ter uma condição de vida melhor e um papel importante e de destaque na história mundial.

#### REFERÊNCIAS:

- AUSTIN, Alfredo López; LUJÁN, Leonardo López. *El Pasado Indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- BROTHERSON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio. *Popol Vuh*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- MARTIN, Simon e GRUBE, Nikolai. *Chronicle of the Maya Kings and Queens*. Londres: Thames & Hudson, 2008.
- SCHELE, Linda; MILLER, Mary Ellen. *The Blood of Kings. Dynasty and Ritual in Maya Art*. Fort Worth: Kimbell Art Museum, 1986.
- SCHELE, Linda; FREIDEL David. *Una Selva de Reyes. La Asombrosa Historia de los Antiguos Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- SCHELE, Linda; MATHEWS, Peter. *The Code of Kings. The language of seven sacred Maya temples and Tombs*. Nova Iorque, Touchstone, 1999.
- SHARER, Robert J.. *La Civilización Maya*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

#### Internet

- FAMSI – Foundation of the Advancement of Mesoamerican Studies, Inc.. Disponível em: < [www.famsi.org/](http://www.famsi.org/)>. Acesso em: 16 março 2012.
- MESOWEB – *Mesoamerican Web*. Disponível em: < <http://www.mesoweb.com/>>. Acesso em 25 março 2012.

---

<sup>6</sup> SCHELE, Linda; FREIDEL David. *Una Selva de Reyes. La Asombrosa Historia de los Antiguos Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999, pg. 55.